

## Do negro como recusa

CORTEZ, António Carlos. **O Nome Negro**. Lisboa: Relógio d'Água, 2013.

Marcos Pasche\*

Professor de Literatura, ensaísta e crítico literário, é como poeta que António Carlos Cortez marca de modo mais enfático seu nome na atual cena literária portuguesa. A ênfase da presença se dá, primeiramente, pela produção do autor na vertente poética, visto ter publicado, além deste *Nome Negro*, seis livros de poesia – *Ritos de Passagem* (1999), *Um Barco no Rio* (2002), *A Sombra no Limite* (2004), *À flor da Pele* (2008), *Depois de Dezembro* (2010) e *Linha de fogo* (2012). Em segundo e principal lugar, uma vez que a afirmação da poesia não se dá propriamente pelo viés quantitativo, Cortez insere seu nome na contemporaneidade por meio de uma peculiar forma de captação e expressão daquilo que se lhe apresenta e entranha como realidade.

Antes de comentar com maior detimento a caracterização de tal peculiaridade, importa verificar o que, em linhas gerais, se espera de um poeta para que se ouça nele uma autêntica voz do presente. Caso se dirija tal expectativa à obra do autor de *Ritos de Passagem*, será interessante perceber sua voz como simultâneas consonância e dissonância da contemporaneidade.

De um poeta contemporâneo, aguarda-se uma concepção poética afinada à modernidade literária, e que ele seja fiel às conquistas dela, elaborando a partir disso uma linguagem que num só momento seja expressão das coisas do mundo e reflexão de suas próprias coisas, algo que, em *O Nome Negro*, se estampa, dentre outros, no poema “Metalinguagem”, do qual, inclusive, se extraiu título do livro: “O poema/ desenho de fogo// É uma área ardida/ Nome negro a exigir/ um método de leitura/ do perímetro textual/ semelhante à vida” (p. 42). Dividido em três partes – “Erros”, “Perímetro, poética” e “Cenas” –, *O Nome Negro* concentra na segunda a constante reflexão sobre o fazer poético. Tal reflexão conduz o poeta à experimentação da linguagem, pelo que a

---

\* Professor adjunto de Literatura Brasileira do Departamento de Letras e Comunicação/Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFRRJ.

fala da poesia contamina-se pelo falar de outras modalidades textuais. Na obra ora tomada em estudo, isso se verifica com acuidade no texto “Engendramento”, dividido em quatro partes, pelas quais a escrita se movimenta entre o verso e a prosa, efetivando-se como poesia propriamente dita – “O que não existe persiste/ em existir? Fantasmas/ dão vida às sombras/ dum mundo que era nosso/ apesar de tudo/ o tempo destruir” (p. 35) – e como teoria da literatura:

O poema mais realista é o que nos mergulha na experiência não só da linguagem, mas do que nela, linguagem, é similar aos objetos concretos do nosso cotidiano. Certas palavras não devem ser ditas porque cumprem, realizam a realidade. O logro dessa experiência com o signo reside na constante surpresa de vermos que entre o vivido e o escrito há uma zona negra, uma espécie de terra de ninguém, a que repassamos sempre para, a partir de destroços, novamente edificarmos pedras negras. Quem se dedica a este exercício inútil saberá que tudo já adveio mas ainda não aconteceu. (pp. 35-6)

Conforme se pode notar pelos destaques feitos até o momento, o convencionalmente chamado *trabalho com a linguagem* é marca decisiva para a construção – da parte do poeta – e para a identificação – por parte da crítica – de uma obra efetivamente contemporânea. Convém desconfiar das generalizações, mas é possível constatar que há consideráveis décadas não se toma um poeta como importante sem que ele se revele, por meio de sua obra, um pensador de seu código de expressão. Assim, continuando a investigar o que em António Carlos Cortez é próprio da época em que escreve e se inscreve, destaque-se a intertextualidade, que em *O Nome Negro* é diálogo com outros autores portugueses – “Se o inexprimível é o que se exprime por um excesso de disparidades necessárias (Fiama [Hasse Pais Brandão]), como pode o poema ser a expressão medida, ponderada, das disparidades e excessos do que a vida se alimenta?” (p. 35) –; é diálogo interdiscursivo com a música popular, como se assinala em “Vento no litoral” (p. 39); e é monólogo dialogado, na medida em que o poema emblematicamente nomeado “Ecos” indica, em epígrafe: “Cf. *Depois de Dezembro*, 2010” (p. 40). Como se destacou no início desta resenha, *Depois de dezembro* é o título do quinto volume de poemas do poeta lusitano, e a autorreferência registrada em “Ecos” exhibe indícios de uma obra em progresso, que se renova sem prescindir do que reverbera em momentos anteriores. Sobre esse expediente de fazer menções, a primeira

parte do texto “Poéticas” fala abertamente: “Prefiro a alusão o interdito/ o que se diz entre o dizer/ ao dizer que de tão literal/ impede que o texto tenha/ a sua lei interior/ a sua chama/ o seu cristal” (p. 41).

Entretanto, a segunda parte do mesmo texto diz, em alguma medida, o que o poema “Ecos” manifestou:

É frequente Medito  
sobre como escrever  
o que penso ou como  
pensar o que sinto  
Nada de mais Mas pressinto  
a cada tentativa  
que me escapa da alusão  
o mito fundador e a palavra  
exacta Espero que a mão  
seja concreta e delimite  
a área da acção não abstracta  
*Insisto mais tarde*  
*em não reescrever o que*  
*vivi na página O fazer*  
*da poesia exige esquecer*  
*a intenção original e a dor*  
*do processo em gestação*  
*até à forma final* (p. 41. Grifos meus)

A parte destacada fala em não reescrever o já escrito, evidenciando um fazer poético a exigir do fazedor o esquecimento do que constava nos momentos iniciais da criação. Ora, uma vez que o poema “Ecos” registra claramente sua ligação com uma obra anterior de António Cortez, é possível observar nesta segunda parte de “Poéticas” uma espécie de contravoz, pela qual o poeta se abastece de concepções ambivalentes, as quais, mútua e tautocronamente, se afirmam e se negam. Há aí um traço contemporâneo, havendo também uma herança da modernidade, visto que os poetas hodiernos negam o que se consagra como verdade, e, avessos à paralisia, veem na contradição um modo de movimento dos mais estimulantes. Destaque-se ainda, a título de conclusão da lista dos elementos contemporâneos mais visíveis na escrita de Cortez, o que em seus versos se afasta flagrantemente da escrita ordinária, ou seja, a ausência quase absoluta (excetuando as interrogações) de sinais de pontuação. Esse rol de fatores da poesia de António Carlos Cortez não se pretende completo, e sua intenção é

demonstrar o que de maneira mais ou menos visível associa a obra estudada do que é atribuído às poéticas contemporâneas de maior representatividade.

Cumprida agora, então, sublinhar o que no autor de *A Sombra no Limite* não soa plenamente associável à poesia do tempo presente: o detido olhar para o tempo passado. Entre os que são apresentados como genuínos portadores do espírito contemporâneo, costuma haver uma interpretação equivocada acerca da referência a tempos pretéritos. Generalizante, essa conclusão julga toda referência de tal natureza como passadismo ou saudosismo, e como a cultura contemporânea é o viver do agora, o cantar do que passou é ligado ao ideário conservador – refratário, portanto, ao tempo presente: “O corpo é agora um electrochoque/ envolvendo em seu eco nocturno/ *palavras nefastoso passado*” (p. 14. Grifos meus).

A interpretação peca justamente pelo juízo homogeneizante. Nem todo falar do passado é passadista: passadista é a fala que confere superioridade ao pretérito apenas por ser pretérito, a ele se agarrando e manifestando devoção. Em António Cortez há uma diferença estrutural: sua abordagem do tempo passado tem viés crítico – “(Época de fantasmas/ Gritos em Lisboa/ e no rio sujo à deriva/ a vida nas avenidas/ implodia no sangue de jovens/ em seringas)” (p. 17) – e caráter problematizante, pois o pretérito por ele contemplado é uma época ainda na casa das três décadas, isto é, os anos de 1980, como se verifica já nos títulos “Live aid, 1985” (do qual foi extraído o fragmento citado anteriormente) e “Anos 80”. Assim, o poeta empreende o ambíguo exercício de tratar daquilo que, tendo passado, ainda permanece, tratando também do que está por vir e já deixou rastros, porque o tempo da experiência humana não é infalivelmente regido por ampulhetas ou iPhones: “Dizes-me para não ficar/ preso ao passado/ mas o passado prende-me/ quando tento libertar-me” (p. 19). Afinal, chegou um tempo em que o tempo futuro não para de chegar, e a chegada incessante requer irrestrita adesão. Nesse contexto, o poeta lança sua palavra de desconfiança e recusa, dando a ver o que no movimento pode se constituir paralisante e paralisante – “A juventude era isso afinal?/ Entre alma e lama estavam vivos/ todos quantos viviam esse tempo total/ como se tudo fosse sempre urgente?” (p. 15).

Dessa forma, António Carlos Cortez grava seu nome na contemporaneidade sem as cores típicas e óbvias do tempo. Seu nome é um nome negro, porque negra é a treva



que confunde, e, tal qual um antídoto elaborado a partir do veneno, negra é a recusa erguida pelos poetas.

*Recebido em: 30 de março de 2015.*

*Aprovado em: 25 de abril de 2015.*